

2

IMPACTO E SIGNIFICADO DO INVESTIMENTO CHINÊS EM MOÇAMBIQUE (2000-2010)

Sérgio Chichava

Introdução

À semelhança do que está a acontecer um pouco por toda a África, a China é, de entre os chamados países ‘emergentes’, aquele cuja presença em Moçambique mais debate tem gerado nos diferentes segmentos da sociedade. Vista como ‘parceiro estratégico’ para ajudar Moçambique – um dos países mais pobres do mundo e bastante dependente da ajuda prestada pela comunidade internacional – o Governo moçambicano tem atribuído grande importância à cooperação com a China, tendo, por exemplo, o actual Primeiro-ministro de Moçambique, Aires Ali, visitado este país asiático em 2010, na sua primeira visita oficial a um país estrangeiro, logo após a tomada de posse.

De modo a atrair simpatias de Pequim e garantir ajuda deste país, Moçambique também aderiu à política de ‘uma só China’ (*One China Policy*), considerando Taiwan como parte integrante da China, e tem se esforçado em construir uma imagem positiva da presença chinesa em Moçambique, seriamente posta em causa devido a diversos escândalos envolvendo empresas chinesas no contrabando de vários recursos, em particular da madeira.¹ Por exemplo, aquando da operação à doença de cataratas a 300 doentes moçambicanos por médicos chineses, Armando Guebuza, actual presidente de Moçambique e um dos grandes defensores da cooperação com a China, afirmou que aquela acção era mais uma prova de que os que criticam a cooperação China-Moçambique ‘não sabiam o que diziam e estavam a delirar’ (O País 2011).²

Estatísticas do Centro de Promoção de Investimentos (CPI)³ dos últimos anos mostram que a presença económica chinesa em Moçambique tem estado a crescer de ano para ano, colocando esta ‘economia emergente’ entre os dez maiores investidores em Moçambique desde 2007 até ao presente.

Analisando a distribuição sectorial e regional, com base na informação do CPI, relativa aos projectos de investimento chineses autorizados entre 2000-2010, pretende-se aqui mostrar a tendência e o impacto do investimento directo (IDE) chinês em Moçambique durante este período. De realçar que se trata apenas de projectos de investimento submetidos ao CPI para aprovação, e não de todos os projectos de investimento daquele país em Moçambique durante o período em estudo. Isto porque a submissão de um projecto de investimento ao CPI para aprovação é opcional, pois a abertura e registo de uma empresa e subsequente obtenção do alvará de exercício de actividade, a partir do Ministério da Indústria e Comércio (MIC) ou dos órgãos locais do Estado e autarquias, é suficiente para fazer negócios em Moçambique (Conselho de Ministros 2004). A vantagem de submeter o projecto ao CPI é a obtenção de incentivos fiscais e aduaneiros consagrados na lei n.º 3/93 (Lei de Investimentos) e no Código dos Benefícios Fiscais (Conselho de Ministros 2002).

Certamente que, para uma avaliação mais completa das tendências e do impacto do investimento chinês em Moçambique, seria necessária a análise conjunta dos dados de diferentes projectos de investimento chinês submetidos no mesmo período às diversas entidades acima mencionadas. Uma análise desta abrangência não foi possível neste trabalho, mas os dados fornecidos pelo CIP fornecem uma importante indicação dos projectos chineses no país.

Neste sentido, com base nos dados do CPI, este artigo pretende analisar o peso, a distribuição (geográfica e sectorial), o significado e as tendências do investimento chinês na economia moçambicana no período 2000-2010. Trata-se, assim, do período que vai desde a primeira cimeira ministerial China-África, realizada em Outubro de 2000 em Pequim (que concluiu com a criação do Fórum de Cooperação China-África – FOCAC), à celebração, em 2010, do décimo aniversário desta instituição. O artigo encontra-se dividido em duas partes. A primeira faz uma breve radiografia das diferentes áreas de cooperação entre Moçambique e China, ao passo que a segunda faz o mapeamento da estrutura do investimento directo chinês (IDE) em Moçambique.

Breve radiografia das relações China-Moçambique

A assinatura de um acordo de Comércio e de Promoção e Protecção Recíproca de Investimento e a criação de uma Comissão Mista para a Economia e Comércio

em 2001 podem ser considerados como os dois primeiros eventos marcantes no relançamento da cooperação entre Moçambique e China após o FOCAC 2000. No mesmo ano, e no quadro das decisões saídas do FOCAC 2000, a China anunciou o perdão de 22 milhões de dólares da dívida pública externa de Moçambique, correspondentes a 69% da dívida pública total deste país com a China (People's Daily 2001). Em 2007, aquando da visita de Hu Jintao a Moçambique, a China voltou a perdoar cerca de 20 milhões de dólares da dívida pública externa moçambicana, correspondentes a 87,1% da dívida contraída por Moçambique entre os anos 1980 e 2005 (AIM 2007a). Em 2008, a dívida pública externa de Moçambique em relação à China foi calculada em 2,9 milhões de dólares (TA 2009).

Embora seja difícil quantificar o valor global da ajuda chinesa a Moçambique em virtude da escassez de informação, há indicações de que a ajuda da China tem sido considerável. Por exemplo, aquando da sua visita à China, Aires Ali afirmou que a China dispôs-se a financiar diferentes projectos em Moçambique em cerca de 172 milhões de dólares, concedidos sob a forma de donativos, de empréstimo sem juros, ou com juros bonificados (AIM 2010).

Em termos de cooperação bilateral, a China apoia Moçambique em diferentes áreas, nomeadamente defesa e segurança, saúde, educação, agricultura, infra-estruturas, entre outras, apoios concedidos sob a forma de donativos, de assistência técnica, de empréstimos sem juros, ou com juros bonificados.⁴

Especificamente na área de defesa e segurança, Moçambique e China possuem vários acordos que incluem assistência técnica militar, fornecimento de material logístico e de comunicações ao exército e à polícia moçambicana (viaturas, computadores, uniformes, botas, entre outros), formação de quadros moçambicanos em academias chinesas e construção de habitações para diferentes quadros deste sector (GdM 2011a; O País 2009a; O País 2009b). Um dos símbolos da cooperação neste sector foi a construção e inauguração, em 2001, de um bairro militar nos arredores da cidade de Maputo destinado a quadros militares moçambicanos., avaliado em cerca de 7,5 milhões de dólares americanos. De referir que, em 2009, Moçambique abriu uma chancelaria militar em Pequim (GdM 2010). Para o ano de 2011, e no quadro da assistência anual às forças armadas moçambicanas, a China doou diverso equipamento militar avaliado em cerca de 3 milhões de dólares americanos (Portal do Governo de Moçambique 2010).

Moçambique aposta ainda na China para modernizar o seu exército, sobretudo a força aérea e a marinha, desprovidos de meios para controlar o espaço aéreo e marítimo, tendo solicitado créditos ao Governo deste país no valor de 212 milhões de dólares americanos, para aquisição de diverso tipo de equipamento militar, em

particular, aeronaves e barcos de patrulha e para a construção de depósitos para o armazenamento de artefactos militares (GdM 2011a).

Na área da saúde, Moçambique e China possuem, desde 1976, um acordo através do qual são enviados para o país, bienalmente, médicos chineses. Existe ainda um acordo assinado em 2007 para a formação de especialistas moçambicanos em diferentes áreas da Saúde (Ibid.).

Na educação, a China tem apoiado Moçambique, não só em termos de concessão de bolsas de estudo a estudantes moçambicanos, formação de quadros das diferentes instituições do Estado, mas também na construção e apetrechamento de algumas escolas. Entre 2004 e 2006, tinham sido formados em diferentes áreas, 183 quadros estatais moçambicanos na China (MINEC 2007a). Só em 2007, foram enviados para a China 42 estudantes e 22 funcionários públicos, em virtude de acordos assinados aquando da visita do presidente chinês a Moçambique (MINEC 2007b). Este número poderá vir a conhecer um aumento importante graças à parceira de cinco anos entre o Estado moçambicano e a empresa privada China Kingho Group (China Qinghua Group), – importante empresa chinesa do sector do carvão mineral – assinada em 2011, para o financiamento de cem bolsas de estudos a estudantes moçambicanos para estudarem em diferentes universidades chinesas (O País 2010).

As trocas comerciais entre os dois países também têm vindo a conhecer um acelerado incremento. Se, em 2002, dados oficiais indicavam que estas representavam cerca de 48 milhões de dólares americanos, em 2009 já representavam cerca de 517 milhões (MFAPRC 2006, CPI & China Tong Jian Investment Co., Ltd. 2010).

As principais exportações de Moçambique para a China são a madeira, o sésamo (gergelim), a castanha de caju e outros produtos agrícolas e recursos minerais (CPI & China Tong Jian Investment Co., Ltd. 2010). Segundo o Banco de Portugal (2011), entre 2004 e 2010, a China representava apenas 2,2% do total das exportações de Moçambique, sendo, nessa altura, o quarto destino das exportações moçambicanas. As três primeiras posições eram ocupadas pela Holanda (55,8%); África do Sul (16,1%) e Zimbabué (2,9%).

De entre estes produtos, a madeira é o principal produto de exportação de Moçambique para a China e um daqueles cuja exploração tem sido motivo de grande controvérsia, com alguns segmentos da sociedade moçambicana a considerarem o negócio chinês de madeira em Moçambique uma autêntica pilhagem. Este recurso natural representava, em 2006, mais de 90% das exportações de Moçambique para aquele país (Canby *et al.* 2008). Em 2009, a China continuou a ser o destino principal da madeira moçambicana (GdM 2011b).

Quanto às principais importações de Moçambique da China, destacam-se bens manufacturados, principalmente veículos e sobressalentes, electrodomésticos

e artigos de ferro e aço (Jansson & Kiala 2009). Segundo o Banco de Portugal (2011), entre 2004 e 2010, 3,4% dos produtos importados por Moçambique viriam da China, depois da África do Sul (35,2%) e da Holanda (14,8%).

A presença chinesa em Moçambique ganhou um novo impulso aquando da visita a Moçambique do presidente chinês Hu Jintao, em Fevereiro de 2007. Só para se ter uma ideia, de 905 mil dólares americanos em 2006, o IDE chinês em Moçambique passou para 61 150 milhões em 2007, ano em que a China passou a figurar na lista dos dez maiores investidores em Moçambique. Na sua viagem, Hu Jintao visitou, para além de Moçambique, outros sete países africanos, e concedeu, através do Banco Exim da China, créditos para diferentes áreas na ordem de 177 milhões de dólares americanos (GdM 2011a).⁵ Em Moçambique, de entre os diferentes projectos contemplados, figuram a modernização e reabilitação do Aeroporto Internacional de Maputo, cuja primeira fase já terminou (50 milhões de dólares); o projecto de expansão da rede telefónica fixa por todos os distritos do país (21.40 milhões de dólares); a construção de três edifícios da Procuradoria-Geral da República (40 milhões de dólares); apoio ao desenvolvimento agrícola nas províncias de Tete, Manica, Sofala, e Zambézia, ou seja, no vale do Zambeze (50 milhões de dólares). Deste fundo, 30 milhões estão a ser usados para a construção de três fábricas de agro-processamento nas províncias de Tete (distrito de Angónia), Zambézia (distrito de Namacurra) e Manica (distrito de Guro), e os restantes na importação de equipamentos (Ibid.).

Entre 2007 e 2010, a China concedeu diversos donativos a Moçambique nomeadamente, apoio às vítimas das cheias (400 mil dólares americanos); construção de quatro escolas em Maputo, Gaza, Nampula e Niassa (20 milhões de yuans, o equivalente a cerca de 3 milhões de dólares americanos, em Janeiro 2012); construção de um Centro de Tecnologias Agrárias em Boane, província de Maputo; construção de um Centro de Prevenção e Tratamento da Malária em Maputo (GdM 2011a). Estes dois últimos empreendimentos fazem parte da lista chinesa de promessas aos países africanos aquando do FOCAC 2006 (FOCAC 2010). Com efeito, nesse fórum, a China prometeu que iria estabelecer 20 centros de Tecnologias Agrárias em igual número de países africanos com vista a ajudar a desenvolver a agricultura africana.⁶ A China prometeu também que estabeleceria 30 centros de prevenção e tratamento da malária em vários países. Ainda no quadro de donativos, a China doou diverso equipamento de escritório ao Parlamento local (500 mil yuans, cerca de 80 mil dólares americanos em Janeiro de 2012) e 72 autocarros para o serviço de transporte público, no valor de 8,7 milhões (Ibid.). Esta não foi a primeira vez que a China apoiou o Parlamento moçambicano: recordar que o edifício onde funciona o Parlamento moçambicano foi construído com ajuda da China. Em 2008, falava-se também de

um provável financiamento chinês na construção de um bairro para os deputados moçambicanos (Notícias 2008).

Importa ainda assinalar que Moçambique conta com os créditos concessionais do Banco Exim da China para resolver o seu défice em infra-estruturas públicas. Assim, de uma lista de vinte e um projectos (avaliados em 1 398,2 milhões de dólares americanos) considerados prioritários por Moçambique e submetidos ao Governo chinês para apreciação e posterior financiamento, mais de 60% são no sector de infra-estruturas, nomeadamente: reabilitação e modernização do Aeroporto Internacional de Maputo, segunda fase (64,40 milhões); linha de transporte de energia eléctrica, numa extensão de 900 km, ligando as províncias da Zambézia e Nampula (150 milhões); construção de um edifício para o Conselho de Ministros (48,70 milhões), construção de residências para oficiais dos Serviços de Informação e Segurança do Estado, SISE (avaliadas em 53 milhões); infra-estruturas desportivas (27,20 milhões); diversas estradas (544 milhões) (MINEC 2010, GdM 2011).

Moçambique poderá ainda beneficiar da construção de uma via-férrea ligando as províncias de Tete e Sofala, graças a uma parceria entre o Estado moçambicano e a empresa China Kingho Group. Esta linha tem como objectivo facilitar o escoamento do carvão mineral de Tete. Ainda no quadro desta parceria, a empresa China Kingho Group poderá efectuar a dragagem do Porto da Beira, fortemente assolado pelo assoreamento (MINEC 2010).

Olhando para esta lista, percebe-se que, para além das várias parcerias de cunho comercial, Moçambique conta com a China para o financiamento de alguns projectos que, *a priori*, dificilmente seriam financiados pelos chamados doadores 'tradicionais'. É isto que faz com que a China seja um país apreciado pela elite política moçambicana. Como dizia a antiga primeira-ministra de Moçambique, Luísa Diogo, a China tem apoiado Moçambique sem 'pré-condições' em vários domínios, diferentemente dos países que apoiam o Orçamento Geral do Estado (AIM 2007b). Segundo Diogo, ao contrário dos doadores 'tradicionais', *'quando nós dizemos que a Procuradoria-geral é prioridade em Moçambique, eles [os chineses] concordam connosco'* (Ibid.). Ou seja, a China é vista como um parceiro que não impõe condições em relação à forma como Moçambique deve conduzir suas políticas.

Entretanto, é preciso sublinhar que apesar desta visão positiva, há consciência por parte da elite moçambicana de que se a China não interfere nos assuntos internos de Moçambique, ela impõe certas condições quando se trata de ajuda ao desenvolvimento. Ou seja, quando Luísa Diogo fala da inexistência de 'pré-condições' para atribuição de ajuda por parte da China, refere-se apenas a 'pré-condições' de ordem política, nomeadamente a questão da boa governação,

porque de facto, à semelhança de qualquer doador, Pequim também tem suas 'pré-condições', só que, diferentemente dos chamados doadores tradicionais, no caso chinês são pré-condições de carácter económico. A sustentar este argumento, por exemplo, está a afirmação de Luísa Diogo, segundo a qual, para a concessão da ajuda, '*a China quer que Moçambique dê algumas garantias, como os recursos naturais*'. (Hanlon 2010; Diário de Moçambique 2010).

Pode-se citar também o não financiamento pelo Governo chinês das barragens de Mpanda Nkuwa e Moamba Major – apostas do executivo de Armando Guebuza com o objectivo de transformar Moçambique em líder regional na produção e exportação de energia eléctrica – por insuficiência de garantias.⁷ As barragens de Mpanda Nkuwa e Moamba Major, cuja construção estava estimada em 2.000 milhões e 300 milhões de dólares, respectivamente, faziam parte de uma lista inicial de sete projectos acordados entre o Governo de Moçambique e o Banco Exim da China em 2006, nomeadamente a indústria de agro-processamento e produção de sementes no vale do Zambeze, a reabilitação do Aeroporto Internacional de Maputo, a construção de edifícios públicos, de um Centro de Desenvolvimento de Tecnologias e de um Estádio Nacional (MPD 2006; MF 2006). Desta lista de projectos, apenas as duas barragens – a primeira seria financiada em forma de *Export Buyer's Credit* (crédito à exportação) e a segunda através de um crédito concessional – é que não conseguiram financiamento. Gorada a possibilidade de empréstimo chinês, Mpanda Nkuwa acabou sendo entregue a um consórcio constituído por três empresas, a brasileira Camargo Corrêa e as moçambicanas Insitec,⁸ com 40% de acções cada, e a empresa estatal Electricidade de Moçambique (EDM), com os restantes 20%.⁹ Por seu turno, aventa-se a possibilidade de a barragem Moamba Major vir a ser construída com financiamento brasileiro.

Isto faz com que, por mais que Moçambique reconheça a importância 'estratégica' da China, não negligencie os seus parceiros 'tradicionais', como se pode ver nesta declaração de Luísa Diogo:

Nós não devemos fechar os olhos e esquecer os nossos parceiros tradicionais. Mas precisamos da cooperação com a China e a Índia também. (Hanlon 2010; Diário de Moçambique 2010)

Apesar das pré-condições acima mencionadas, é preciso reconhecer que a abertura chinesa em financiar projectos que não constam das prioridades dos 'doadores tradicionais' pode desempenhar um papel relevante na estabilidade dos países africanos. Sobre este último ponto, pode-se dizer, por exemplo, que o financiamento e construção de casas para altos quadros do exército moçambicano

pode certamente ter contribuído para elevar o seu moral. O mesmo pode ser dito em relação ao desejo formulado pelo Governo de Moçambique para a concessão de crédito com vista à construção de casas para os agentes dos serviços secretos moçambicanos.

Peso e significado do investimento chinês em Moçambique

Como já referido, diferentes estudos e fontes oficiais moçambicanas apontam a China como sendo um dos países que mais investem em Moçambique. O importante aqui é mostrar o significado deste investimento, pois esta análise permite ter uma ideia clara não só sobre o padrão do investimento chinês em Moçambique, mas também sobre as suas tendências. Em última análise, isto permite-nos um melhor entendimento da presença chinesa em Moçambique. No período 2000-2010, o investimento chinês no país situou-se em cerca de 216,5 milhões, o que corresponde a 2% do total do investimento estrangeiro realizado a nível nacional, que no mesmo período situou-se em cerca de 10,6 biliões de dólares. Se todos os projectos de investimento autorizados tiverem sido postos em prática, terão gerado 9.914 postos de trabalho, o equivalente a 5% do total dos postos gerados no mesmo período pelo resto do IDE (ver Tabela 1).

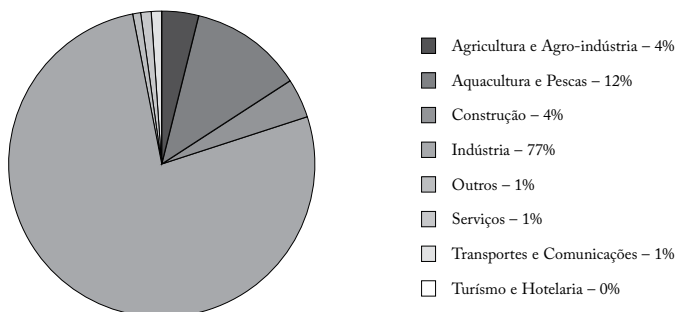
Tabela 1

País	Emprego		IDE	
	Qtd	%	Qtd	%
Outros	207,860	95	10,612,290	98
China	9,914	5	216,524	2
Total	217,774	100	10,828,814	100

Fonte: CPI

Em termos sectoriais, grande parte do investimento chinês em Moçambique encontra-se concentrado na indústria transformadora, com 77%, seguida da aquacultura e pescas com 12% e da agricultura e agro-indústria e construção com 4% (ver Gráfico 1).

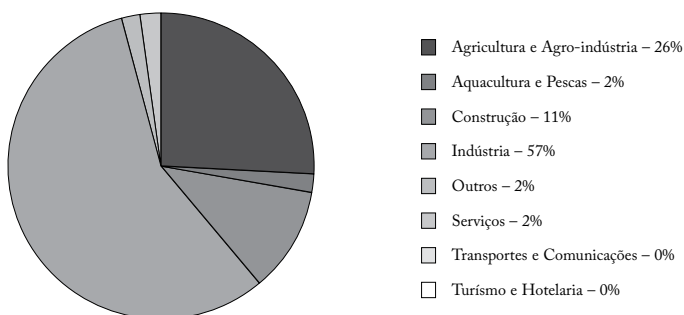
Gráfico 1: IDE chinês por sector (2000-2010)



Fonte: CPI (2000-2010)

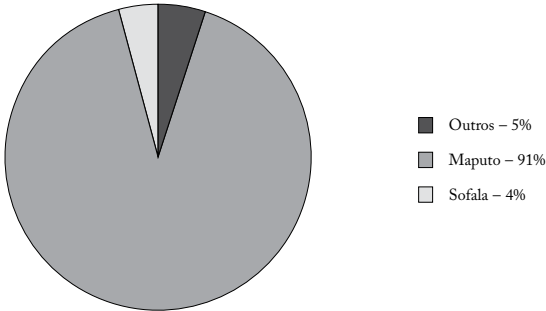
A indústria manufactureira ainda absorve a maior parte do emprego gerado pelo investimento chinês, ou seja, 57%, seguida da agricultura e agro-indústria, com 26%, e da construção, com 11% (Gráfico 2).

Gráfico 2: Emprego gerado pelo IDE Chinês (2000-2010)



Fonte: CPI (2000-2010)

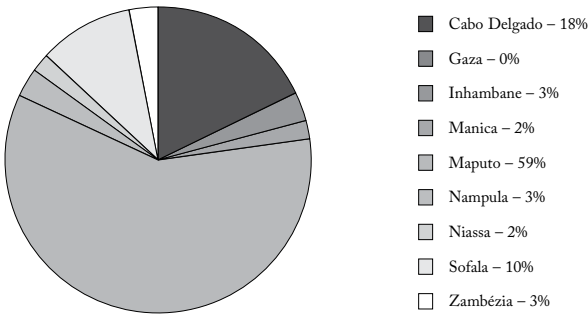
Em termos regionais, 91% do investimento chinês encontra-se concentrado em Maputo, sul de Moçambique, seguido de Sofala, no centro, com apenas 4%. (Gráfico 3).

Gráfico 3: IDE Chinês por província (10³)

Fonte: CPI (2000-2010)

Igualmente, a maior parte do emprego gerado pelo investimento chinês encontra-se concentrado em Maputo. Nos dois lugares seguintes estão Cabo Delgado e Sofala. (Gráfico 4).

Gráfico 4: Emprego por província gerado pelo IDE chinês (2000-2010)



Fonte: CPI (2000-2010)

Durante o período em análise, quatro projectos de investimento, três do sector industrial e outro da aquacultura e pescas, representaram cerca de 80% do IDE chinês. De entre estes quatro, dois deles destacam-se também pela aliança entre o capital chinês e a nova burguesia moçambicana, constituída por figuras próximas ao partido FRELIMO.¹⁰ Os quatro investimentos são: (i) fábrica de produção de cimento da Africa Great Wall Cement Manufacturer, a situar-se em Marracuene, na província de Maputo, num investimento de 90 milhões de dólares americanos (IDE=45 milhões). Este investimento, aprovado em 2007, prevê a criação de 300 postos de trabalho; (ii) a fábrica de produção de cimento da CIF MOZ, Limitada,

uma *joint-venture* entre a SPI – Gestão e Investimentos, S.A.R.L., *holding* do partido FRELIMO, e a China International Fund (CIF). Este investimento, cuja fábrica será construída em Matutuine, província de Maputo, é estimado em 72 milhões de dólares (IDE=71.990 milhões) e foi aprovado em 2008; (iii) a Hong & Binga Development Fishery Company, que, de entre diferentes actividades, pretende desenvolver pesca industrial e construção naval. A Hong & Binga Development Fishery Company, um investimento de 27 milhões de dólares (IDE=26 milhões) e com previsão de criar 80 postos de trabalho, é uma associação entre a empresa chinesa Poly Fuzhou Hongyong Pelagic Fisher Co. Ltd., e a Monte Binga, S.A., empresa moçambicana participada em 50% pelo Estado e em outros 50% por generais moçambicanos na reserva pertencentes à Frelimo (Boletim da República, nº 14, III Série, 14 de Abril de 2009). Para além da aquacultura e pescas, a Monte Binga, S.A., de Moçambique, está envolvida em diferentes actividades, como por exemplo, a exploração de ouro e outros minerais na província do Niassa (Boletim da República, nº 9, III Série, 4 de Março de 2010) e; (iv) a Henan Haode Mozambique Industrial Park, visando estabelecer uma fábrica têxtil e de vestuário no distrito de Marracuene. Avaliado em 26,5 milhões de dólares (IDE=21.2 milhões), correspondente a cerca de 55% do total do investimento chinês neste período, foi o maior projecto de investimento chinês aprovado pelo CPI em 2010.

Recursos minerais, novo foco do investimento chinês?

Embora, com base nos dados do CPI, não seja possível ter-se uma ideia completa das tendências do investimento chinês em Moçambique, cruzando estes dados com outro tipo de fontes, é possível chegar-se a algumas conclusões. Procedendo dessa forma, a conclusão principal é que, ultimamente, o sector dos recursos minerais parece ser o principal alvo do investimento chinês em Moçambique.

Com efeito, a empresa estatal Wuhan Iron and Steel Corporation (WISCO) estava em discussões com a companhia australiana Riversdale Mining, Limited, (RML) para adquirir 40% do projecto de carvão do Zambeze pertencente a esta empresa, num total de 800 milhões de dólares.¹¹ A confirmar-se, o investimento da WISCO mudaria drasticamente todos os dados avançados até agora, quer em termos de volume, quer em termos de localização sectorial ou geográfica do IDE chinês, pois este corresponde a cerca de quatro vezes o total do IDE chinês investido no período em análise.

O investimento chinês no sector dos recursos minerais, particularmente no carvão mineral, pode ainda conhecer um salto gigantesco com o também

anunciado investimento de cerca de cinco biliões de dólares pelo China Kingho Group, empresa privada, no distrito de Marávia, província de Tete (Net News Publisher 2010). O China Kingho Group está também, em colaboração com a Direcção Nacional de Geologia (DNG), a fazer pesquisas nas províncias de Tete e Niassa com vista à identificação de áreas de ocorrência de carvão mineral (GdM 2011). Para além do interesse do China Kingho Group em relação ao carvão mineral, o China Kingho Group ainda está interessado na pesquisa e exploração de petróleo, gás natural e outros recursos minerais.

O gás natural e outro tipo de minerais (ouro, ferro, tantalites, diamantes e calcário, por exemplo) também interessam a empresas chinesas. Em 2010, a Daqing Oilfield Drilling Engineering Company ganhou um concurso internacional para realizar perfurações de gás natural em Moçambique, num investimento estimado em 15 milhões de dólares, e, em Fevereiro de 2011, foi noticiado que empresas chinesas acabavam de requerer junto do Estado moçambicano licenças para proceder à prospecção e posterior exploração de diversos recursos minerais em diferentes pontos do país (Saúte 2011). Trata-se, por exemplo, da Africa Great Wall Cement Manufacturer, empresa que, para além de pretender produzir cimento, recebeu licenças para explorar calcário nos distritos de Magude, província de Maputo, e de Cheringoma, província de Sofala (Boletim da República, nº 31, III Série, 11 de Agosto de 2009), e de areias pesadas no distrito de Angoche, província de Nampula (Boletim da República, nº 28, III Série, 15 de Julho de 2011); da CIF Moz, Limitada, que pretende explorar calcário e argila em Matutuine, província de Maputo (Boletim da República 12, nº 19, III Série, de Maio de 2011; Boletim da República, nº 43, III Série, 27 de Outubro de 2011); da Sogecoa, que para além de estar envolvida na hotelaria e na construção civil (aluguer de equipamentos e viaturas), recentemente obteve licenças para a pesquisa e exploração de recursos minerais, em particular de ouro, nos distritos de Gorongosa e Chifunde, nas províncias de Sofala e Tete, respectivamente. Neste momento, a Sogecoa está a proceder à prospecção de ouro no distrito de Gorongosa (Notícias 2011).

Finalmente, o IDE chinês no sector industrial poderá ainda conhecer um salto importante com a confirmação pelas autoridades moçambicanas do investimento da China Tong Jian Investment Co., Ltd., numa fábrica de montagem de automóveis em Maluana, arredores da província de Maputo, avaliado em cerca de 200 milhões de dólares, o maior jamais implementado neste sector em Moçambique (Notícias 2010). Estima-se também que esta fábrica venha a criar cerca de três mil postos de trabalho, ou seja, 53,6 % do emprego total produzido pelo IDE chinês no sector industrial entre 2000 e 2010. Igualmente, sendo confirmada a notícia avançada pelo Ministério da Planificação e Desenvolvimento (MPD) em Agosto de 2010, segundo a qual empresários chineses pretendem investir 13 biliões de dólares na

indústria, turismo, minas, energia e tecnologia no período 2011-2015, isso poderá fazer da China um dos maiores investidores em Moçambique (MPD 2010).

Conclusão

O ponto central deste estudo era analisar as tendências e o impacto do IDE chinês em Moçambique no período 2000-2010, no qual foi relançada a presença chinesa neste país, sobretudo a partir de 2007. Olhando para a sua distribuição territorial e sectorial, verificou-se que o IDE chinês se concentrou (i) mais no sector industrial, quer em termos de número de projectos propostos ao CPI, quer em termos de capital a investir e de postos de trabalhos a produzir, e (ii) no sul do país, particularmente em Maputo (cidade e província).

Entretanto, embora o sector industrial tenha atraído mais investimentos e demonstre ainda sinais de continuar a crescer, impulsionado pela indústria de montagem de automóveis, as últimas tendências do investimento chinês em Moçambique mostram que o sector dos recursos minerais é, de entre os diferentes sectores, o que poderá conhecer maior impulso. A acontecer, Moçambique não constituiria uma excepção, dado que a maior parte do investimento chinês em África está concentrado neste sector. Igualmente, isto mudaria a actual tendência da concentração do investimento chinês no sul do país, o que também não seria estranho, pois, se durante longos anos o sul, em particular Maputo, foi a região que mais investimento atraiu, os recentes investimentos nos recursos minerais no centro e norte do país, em particular na província de Tete, têm estado a inverter esta tendência.

Notas

1. Sobre este assunto, ver Mackenzie (2006).
2. Esta acção chinesa enquadra-se no projecto China-Africa Brightness Action, com o objectivo de curar doentes com cataratas, e já foi realizada em vários países africanos, nomeadamente Zimbabué e Malawi.
3. Entidade estatal subordinada ao Ministério do Planeamento e Desenvolvimento (MPD) e responsável pelas acções de coordenação dos processos de promoção, análise, acompanhamento e verificação de investimentos estrangeiros realizados em Moçambique.
4. Segundo Braütigam (2011, 2010, 2009) de uma forma geral, o programa chinês de ajuda é coordenado pelo Departamento de Ajuda Externa do Ministério do Comércio, em colaboração com o Ministério dos Negócios Estrangeiros. O Departamento de Ajuda Externa lida com donativos, empréstimos sem juros, programas de jovens voluntários e assistência técnica. Já os empréstimos concessionais com juros baixos ou fixos são operados pelo Banco Exim da China, sob direcção do Ministério do Comércio. Porque os donativos e empréstimos sem juros são um instrumento de diplomacia, estes são concedidos a todos os países que possuem relações diplomáticas com a China. Por seu turno, os empréstimos concessionais do Banco Exim da China visam três objectivos, nomeadamente, diplomacia, desenvolvimento e negócios.
5. Para além de Moçambique, o périplo africano de Hu Jintao incluía Seicheles, Camarões, Libéria, Sudão, Zâmbia, Namíbia e África do Sul.
6. Inicialmente, a China se dispôs a financiar sete centros de Tecnologias Agrárias, número que passou para 14 e agora para 20.
7. Uma das estratégias do governo de Armando Guebuza assentava na construção de barragens hidroeléctricas cuja energia serviria para exportação. Com este propósito, para além de Mpanda Nkhuwa, tinham sido projectadas as centrais hidroeléctricas de Lúrio, Massingir, Moamba Major e as centrais Térmicas de Moatize e Temane.
8. Empresa ligada ao actual presidente de Moçambique, Armando Guebuza.
9. Os accionistas da HMNK estão neste momento a activar-se na procura de fundos para a construção desta barragem.
10. A aliança com o capital estrangeiro tem sido uma das formas usadas pela nova burguesia moçambicana para se implantar no mundo de negócios em Moçambique. A aliança entre empresários chineses e a elite política moçambicana não constitui segredo. A mais conhecida e que mais polémica tem criado é a aliança no sector madeireiro. Contudo, há indicações de ligações fortes noutros sectores, com destaque para os recursos minerais. Pela sua importância, este assunto merece um estudo aprofundado que não constitui objecto deste trabalho.
11. Esta parceria permite à WISCO deter 8% das acções da Riversdale Mining, Limited.

Referências

- AIM.* (2007a). 'China perdoa dívida moçambicana', Agência de Informação de Moçambique, 7 de Fevereiro, disponível em: http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias/news_folder_politica/fevereiro2007/nots_po_125_fev_07/ (acedido a 29 de Março de 2011).
- . (2007b). 'Moçambique e China avaliam cooperação', Agência de Informação de Moçambique, 9 de Fevereiro, disponível em: http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias/news_folder_politica/fevereiro2007/nots_po_124_jan_07/ (acedido a 29 de Março de 2011).
- . (2010). 'Primeiro-ministro considera a visita à China de êxito total', Maputo: Agência de Informação de Moçambique (21 de Julho).

- Banco de Portugal. (2011) *Evolução das economias dos PALOP e de Timor-Leste 2010/2011*, Lisboa.
- Bräutigam, D. (2009). *The Dragon's Gift: the real story of China in Africa*, Nova Iorque, Oxford University Press Inc.
- . (2010). China, Africa and the International Aid Architecture, *Working Papers Series*, 107, African Development Bank, Tunis, Tuníisia.
- . (2011). 'Aid "with Chinese characteristics": Chinese foreign aid and development finance meet the OECD-DAC aid regime', *Journal of International Development*, 5 (23), p. 752-764.
- Canby *et al.* (2008). 'Forest products trade between China & Africa. An analysis of imports and exports', *Forest Trends*, disponível em: <http://www.forest-trends.org/documents/publications/ChinaAfricaTrade.pdf>. (acedido a 22 de Março de 2011).
- China Coal Resources. (2010). 'China Qinghua wants to mine for coal in Niassa, Mozambique', 31 de Julho, disponível em: <http://en.sxcoal.com/35021/NewsShow.html> (acedido a 12 de Março de 2011).
- CMM. (s/d). 'Funcionários do Conselho Municipal de Maputo recebem casas', Conselho Municipal da Cidade de Maputo, disponível em: <http://www.cmmmaputo.gov.mz/CMMBalcao/Default.aspx?Tag=CONTENT&ContentId=3074> (acedido a 28 de Março de 2011).
- Conselho de Ministros. (2002). *Decreto n.º 16/2002-Código dos benefícios fiscais*, Maputo (27 de Junho).
- . (2004). *Decreto n.º 49/2004-Regulamento do licenciamento da actividade comercial*, Maputo (17 de Novembro).
- CPI, China Tong Jian Investment Co., Ltd. (2010). 'Mozambique. Seminar on investment opportunities in Mozambique', Centro de Promoção de Investimentos, disponível em: http://www.chinatongjian.com/En/yantaohuiDiv/Friendly_relations.html (acedido a 12 de Março de 2011).
- Diário de Moçambique*. (2010). 'Luísa Diogo defende que China coopera de "maneira específica"', Maputo (14 de Dezembro).
- Dyer, G. *et al.* (2011). 'China's lending hits new heights', *Financial Times*, 17 de Janeiro, disponível em: <http://www.ft.com/cms/s/0/488c60f4-2281-11e0-b6a2-00144cfeb49a.html#axzz1GIebeVo4> (acedido a 11 de Março de 2011).
- FOCAC. (2010). 'An Interpretation of New Measures on Economic and Trade Cooperation from 4th Ministerial Conference', disponível em: <http://www.focac.org/eng/dsjbzjhy/t696509.htm> (acessado a 24 de Janeiro de 2011).
- GdM. (2010). *Balanço do Plano Económico e Social de 2009*, Maputo: Governo de Moçambique.
- . (2011a). *Balanço do Plano Económico e Social de 2010*, Maputo: Governo de Moçambique.
- . (2011b). *Matriz dos projectos com a República Popular da China*, Maputo: Governo de Moçambique.
- Hanlon, J. (2010). 'Keeping options', *Mozambique 174*, disponível em: <http://www.gg.rhul.ac.uk/simon/GG3072/2010-64.pdf> (acedido a 31 de Março de 2011).
- Jansson, J., Kiala, C. (2010). *Patterns of Chinese investment, aid and trade in Mozambique*, Stellenbosch, Center for Chinese Studies.
- Mackenzie, C. (2006). *Forest governance in Zambézia, Mozambique. Chinese Take away. Final report for FONGZA*.
- MF. (2006). *Mozambican priority projects to be financed*, Maputo: Ministério das Finanças.
- MFAPRC. (2006). 'Mozambique', Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China, disponível em: <http://www.china.org.cn/english/features/focac/183432.htm> (acedido a 22 de Março de 2011).
- MINEC. (2007a). *Acta acordada da Terceira Sessão da Comissão Conjunta para a cooperação Económica, Técnica e Comercial entre a República de Moçambique e a República Popular da China*, Maputo: Ministério dos Negócios Estrangeiros.

- . (2007b). *Avaliação do grau do cumprimento da implementação do Plano de Acção dos resultados da visita de S. Excia. o presidente da República Popular da China à República de Moçambique*, Maputo: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- . (2010). *Relatório da participação de Moçambique na III Conferência para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e respectiva matriz de seguimento*, Maputo: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- MPD. (2006). *Application for financing of the projects*, Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento.
- . (2010). 'China vai investir 13 biliões de dólares nos próximos cinco anos', Ministério do Plano e Desenvolvimento, disponível em: <http://www.mpd.gov.mz/index.php?option=comcontent&view=article&id=90%3Achina-vai-investir-13-biloes-de-dolares-nos-proximoscinco-anos&catid=50%3Anoticias&Itemid=96&dang=pt> (acedido a 19 de Março de 2011).
- Net News Publisher*. (2010). 'China Kingho to invest \$5b in Coal Mining Projects in Mozambique', 26 de Julho, disponível em: <http://www.netnewspublisher.com/china-kingho-to-invest-5b-in-coal-mining-projects-in-mozambique/> (acedido a 12 de Março de 2011).
- Notícias*. (2008). China poderá construir futuro bairro para os deputados, Maputo (10 de Outubro).
- . (2010). País passa a montar carros a partir de 2011, Maputo (18 de Dezembro).
- . (2011). Sogecoa pesquisa ouro, Maputo, 1 de Setembro.
- O País*. (2009a). China incrementa cooperação com as FADM, Maputo (25 de Março).
- . (2009b). Moçambique vai adquirir novo equipamento militar, Maputo (20 de Maio).
- . (2010). Chineses vão formar cem estudantes moçambicanos anualmente, Maputo (9 de Novembro).
- . (2011). Guebuza diz que quem critica cooperação com a china China está enganado, Maputo (27 de Setembro).
- People's Daily*. (2001). 'China Cancels Part of Mozambique's Debt', 12 de Julho, disponível em: http://english.peopledaily.com.cn/200107/12/eng20010712_74776.html (acedido a 12 de Março de 2011).
- Portal do Governo de Moçambique. (2010). 'Em 2011: China concede três milhões de dólares às FADM', 29 de Dezembro, disponível em: http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias/news_folder_politica/dezembro-2010/em-2011-china-concede-tres-milhoes-de-dolares-as-fadm/ (acedido a 12 de Março de 2011).
- Saute, C. (2011). 'Empresas chinesas vasculham minérios em Moçambique', *Canal de Moçambique*, Maputo, 7 de Fevereiro.
- Secretariado do Conselho de Ministros. (2010). *Aos Órgãos de Informação*, Maputo, 12 de Outubro.
- T.A. (2009). *Conta geral do Estado. Ano 2008*, Maputo: Tribunal Administrativo.
- World Fund Program (WFP). (2006). 'China emerges as world's third largest food aid donor', 26 de Junho, disponível em: <http://www.wfp.org/node/534> (acedido a 11 de Março de 2011).